

VII Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico

**CONTEXTOS SOCIAIS DE DESENVOLVIMENTO:  
ASPECTOS EVOLUTIVOS E CULTURAIS**

**Coordenador:**

Vera Silvia Raad Bussab (USP)

**Participantes:**

Alysson Massote Carvalho (UFMG)

Livia Mathias Simão (USP)

Maria Thereza Costa Coelho de Souza (UNICAMP)

Maria Margarida Pereira Rodrigues (UFES)

Sergio Antônio da Silva Leite (UNICAMP)

**AS CONCEPÇÕES DE VYGOTSKY SOBRE  
A RELAÇÃO EVOLUÇÃO-CULTURA NO  
MARCO DA EPISTEMOLOGIA EVOLUTIVA  
CONTEMPORÂNEA: UM EXERCÍCIO  
PARA DEBATE.**

*Livia Mathias Simão*  
*Universidade de São Paulo*

“Como se integram aspectos evolutivos e culturais no desenvolvimento social humano?”. Esta é a questão básica norteadora de nosso Grupo de Trabalho. Ela implica, de partida, num recorte ontológico: estamos sob a concepção de que o ser humano é alguém cujo desenvolvimento ocorre no bojo de processos evolutivos e sócio-culturais integrados. A maneira pela qual se dá essa integração sócio-evolutiva-cultural, de forma a oportunizar o desenvolvimento do indivíduo, definirá, então, as particulares psicologias abrangidas por esse recorte. Dentre elas, propomos tomar, para um exercício de discussão epistemológica, a psicologia de Vygotsky, especificamente no que respeita a algumas das relações entre desenvolvimento sócio-cultural e evolução biológica por ele estabelecidas. Uma das problemáticas centrais da obra de Vygotsky é a da transformação (e não ruptura) que o ser humano opera em sua relação com a natureza, transformação esta que é, ao mesmo tempo, possibilitada pelo e possibilitadora de seu desenvolvimento sócio-cultural. A maneira original com que Vygotsky lidou com essa problemática está na gênese de sua teoria histórico-cultural do desenvolvimento, que tem parte de suas raízes no exame crítico tanto da zoopsicologia de Vagner como dos trabalhos dos gestaltistas Köhler e Koffka (além das concepções sócio-filosóficas de Engels e dos trabalhos etnográficos de Thunwald, Durkheim e Lévy-Bruhl). Este processo de transformação da relação homem-natureza, que, tal como concebido por Vygotsky, é, em si mesmo, tipicamente humano, trouxe à tona uma questão permanentemente atual: a da emergência do novo no desenvolvimento humano. Contemporaneamente, no nível meta-teórico, assistimos à discussão desta questão pela chamada epistemologia evolutiva, especialmente em suas implicações quanto à previsibilidade limitada do fenômeno psicológico. Assim, nos parece interessante examinar algumas das colocações centrais de Vygotsky sobre a relação evolução - cultura - desenvolvimento humano no marco meta-teórico da epistemologia evolutiva, uma vez que este exame pode gerar novas perspectivas sobre as relações propostas na pergunta norteadora deste Grupo de Trabalho.

**RUPTURA, COMPLEMENTAÇÃO OU  
DETERMINAÇÃO RECÍPROCA ENTRE  
NATUREZA E CULTURA :  
REFLEXOS PARA A COMPREENSÃO DO  
DESENVOLVIMENTO HUMANO.**

*Vera Silvia Raad Bussab*  
*Universidade de São Paulo.*

A evolução natural humana foi marcada por uma adaptação via cultura sem precedentes: somos os seres vivos mais completamente dependentes da cultura para sobreviver. Acumulam-se indicadores filogenéticos e ontogenéticos deste processo adaptativo, de tal modo que fica claro o engano de se pensar na evolução cultural como causa de ruptura com a seleção natural. Ao que tudo indica, assim que nossos ancestrais começaram a desenvolver uma dependência da cultura para sobreviver, criou-se um contexto especial de seleção, favorecendo genes para o comportamento cultural. A linguagem é uma evidência excelente para a ação decisiva da evolução sobre os comportamentos culturais: pode ser entendida como essencial à cultura, como fruto desta, e ao mesmo tempo, como fortemente enraizada em propriedades biológicas ligadas à estrutura cerebral, à anatomia do sistema fonador e à herança da capacidade linguística. Este fato não tem escapado aos diversos estudiosos do assunto. Apesar do reconhecimento de que o homem é a um só tempo criatura e criador da cultura e de que o processo de hominização produziu uma aptidão natural para a cultura, como Morin colocou, não se foi muito adiante nesta questão, mesmo várias décadas depois. É possível que uma compreensão mais completa deste assunto represente uma verdadeira chave para o entendimento aprofundado dos fenômenos psicológicos. O presente trabalho pretende investigar as características do desenvolvimento humano, explorando inter-determinações entre filogênese e ontogênese, entre causa e função, e também considerando influências recíprocas nos níveis individuais, diádicos, grupais e da sociedade em geral, tais como definidos por Hinde. Para tanto serão apresentados indicadores filogenéticos da evolução cultural, dados relativos ao desenvolvimento do ser cultural e considerações sobre as características gerais da cultura humana, procurando-se avaliar os efeitos recíprocos destas dimensões. Ainda que o acesso a todos estes níveis só possa ser feito de modo limitado, este exercício se justifica pela suposição de que cada um destes níveis considerados só possa ficar mais bem entendido se considerado à luz dos demais.

**AS RELAÇÕES ENTRE DESENVOLVIMENTO  
BIOLÓGICO E INTERAÇÃO SOCIAL  
NA EPISTEMOLOGIA GENÉTICA DE  
JEAN PIAGET**

*Maria Thereza C.C. de Souza-  
Universidade de Campinas*

A questão subjacente ao nosso grupo de trabalho é a das relações entre evolução e cultura no desenvolvimento humano, tema cuja compreensão define diferentes modos de se pensar o desenvolvimento psicológico. Jean Piaget interessou-se pela multi-determinação do desenvolvimento psicológico, apontando quatro fatores que determinam esse desenvolvimento: maturação, experiência, transmissão social e equilíbrio. Tomou como referência uma epistemologia genética, a qual qualificou de dialética, no sentido da inter-dependência sujeito/objeto e estrutura/gênese. A construção do conhecimento a respeito do mundo(objeto) e de si próprio(sujeito), ao longo da vida, ocorre graças a estruturas mentais, que são também construídas( a partir do substrato biológico) e variáveis, mas cujo funcionamento é invariável e correspondente ao funcionamento dos sistemas biológicos, quanto aos processos que dirigem este funcionamento. Assim, aspectos biológicos e aspectos trazidos pela experiência e pela interação social co-determinam o desenvolvimento psicológico, sob a direção (integradora) do processo de equilíbrio ou auto-regulação, o qual mantém o sistema cognitivo em funcionamento, numa evolução que parte de patamares de equilíbrio inferiores, para outros, superiores. Nesse processo de desequilíbrio/ equilíbrio, sujeito e objeto transformam-se e reconstróem-se, à medida em que estruturas (formas) de um patamar ou nível, passam a ser partes de estruturas mais evoluídas que as integram, no patamar seguinte. O paradigma piagetiano pressupõe esta inter-dependência entre estrutura e gênese, entre sujeito e objeto, entre externo e interno, entre biologia e cultura, visando explicitar como se dá o desenvolvimento do pensamento, ao longo da vida. A interação social oferece novos objetos(sociais) e, tal como os objetos físicos, permite(ou resiste) à ação do sujeito, levando a regulações ativas e gerando compensações que indicam a qualidade do processo de equilíbrio subjacente. Parece-nos, portanto, interessante examinar algumas das idéias de Piaget a respeito das relações entre biologia- conhecimento e interação social- conhecimento, na perspectiva da epistemologia genética, o que poderá contribuir para a discussão proposta neste grupo de trabalho.

**INVESTIMENTO PARENTAL: CONVERGÊNCIA  
DE FATORES BIOLÓGICOS E SOCIAIS**

*Maria Margarida Pereira Rodrigues  
Universidade Federal do Espírito Santo*

A imaturidade do bebê humano e a duração da infância, a mais longa nos primatas, exigem dos pais investimento significativo de tempo e recursos na criação dos filhos. A despeito do esforço exigido, as crianças são muito desejadas, seja nas sociedades caçadoras-coletoras (Konner, 1981) seja nas sociedades industriais onde a maioria dos adultos quer filhos (Wilson e Daly, 1994). A solicitude (ou amor parental) é, numa perspectiva evolucionista, influenciada por indicadores provenientes de características dos pais, dos filhos e da situação. Nessa perspectiva, a solicitude parental dependeria, por exemplo, do grau ou certeza do parentesco genético pai-filho, dos atributos fenotípicos da criança, tais como: sexo, idade e saúde. Estudos recentes mostram que a criança de um ano de idade é significativamente parecida com seu pai (Christenfeld & Hill, 1995) e que os parentes e amigos da mãe são os mais empenhados em apontar semelhanças entre o bebê e seu pai, especialmente quando o bebê é o primogênito (Caramaschi, 1995). A expressão fenotípica dos genes paternos no filho é, possivelmente, vantajosa na medida em que acarreta aumento do interesse e, conseqüentemente, do investimento paterno. De outro lado, Caramaschi (1995) concluiu que a atribuição de semelhança de recém-nascidos com seus pais é um poderoso mecanismo de intervenção social, que visa a estabilidade da relação do casal. Os resultados e conclusões dessas duas pesquisas exemplificam a convergência de ações (e concepções) sociais e de fatores biológicos. É nossa hipótese que essa convergência, no que concerne ao investimento parental, não é casual nem se constitui em um exemplo isolado; possivelmente existem outros exemplos de convergência. Além disso, supomos que o fato de concepções (e ações) sociais produzirem resultados semelhantes aos produzidos fatores biológicos pode estar indicando: 1) que os determinantes biológicos não são suficientemente poderosos para garantir a ocorrência do fenômeno; as concepções e ações de natureza social se constituiriam em reforço necessário; 2) a importância do investimento parental na evolução hominida, sugerida pela dupla determinação - biológica e social.

### RETOMANDO UMA VELHA QUESTÃO: A RELAÇÃO HERANÇA-APRENDIZAGEM

*Sérgio Antonio da Silva Leite*  
*Universidade de Campinas*

Em um Grupo de Trabalho com o tema "Contextos sociais de desenvolvimento: aspectos evolutivos e culturais", é inevitável que a velha questão da relação herança x aprendizagem seja retomada. Inicialmente deve-se registrar a evolução histórica da própria compreensão desta relação: de uma visão tradicional dicotômica entre ato instintivo (inato, herdado, automático e inconsciente) e ato aprendido (adquirido, adaptável e consciente), chegou-se a uma compreensão segundo a qual prontidão e experiência combinam-se, em proporções variadas, para determinar o comportamento. Neste sentido, entende-se hoje o ser humano como o animal de programa mais aberto, ou seja, o mais especializado em aprender, com um amplo repertório diferenciado e com as maiores possibilidades de combinações. Mas tal possibilidade aparentemente sem limites de aprendizagem, não permite descartar as características filogenéticas. Apesar do progresso dessas concepções, observa-se ainda frequentemente uma tendência para enfatizar o componente filogenético de comportamentos cuja determinação ainda não é bem conhecida, mesmo com o grande progresso no conhecimento da notável plasticidade do sistema nervoso. Assim, o presente trabalho pretende clarear o "estado da arte" com relação ao tema, a partir da compreensão atual segundo a qual herança e aprendizagem não se excluem, mas complementam-se. Isto pressupõe que, embora o processo de aprendizagem desenvolva-se nos limites da herança filogenética, as adaptações desta herança somente se concretizam através de condições favoráveis do meio. Isto implicará numa revisão da função das características filogenéticas na determinação do comportamento, sendo que tal tarefa exige um embasamento interdisciplinar. Como exemplo, recentes estudos da Biologia têm demonstrado que "o ser vivo é como é a cada instante não porque algum de seus componentes predeterminem como deve ser, mas sim porque tem começado com certa estrutura inicial e tem tido uma certa história particular de interações". Implicações para a Psicologia, enquanto ciência e profissão, também serão discutidas, uma vez que continuamente têm sido atribuídas críticas aos profissionais e estudiosos da área no sentido de que o conhecimento produzido tem sido utilizado como embasamento de concepções individualistas de homem e de mundo. Após esta etapa prevista, novos objetivos deverão ser planejados.

### INTERAÇÕES PRÓ-SOCIAIS ENTRE CRIANÇAS E SEUS CONTEXTOS DE EMERGÊNCIA

*Alysson Massote Carvalho*  
*Universidade Federal de Minas Gerais*

O estudo do desenvolvimento social do ser humano, pela sua natureza e complexidade, tem procurado incorporar contribuições de diversas áreas do conhecimento tais como genética, antropologia, neurofisiologia e etologia. Na medida em que o processo de socialização envolve um sistema de relações com diferentes níveis de complexidade torna-se importante, numa perspectiva interdisciplinar, considerar o impacto destes diversos níveis para o desenvolvimento social da criança. Assim, aspectos como a estrutura sócio-cultural envolvendo sistemas como família e escola, as características do meio ambiente, a constituição genética do indivíduo, entre outros, são fundamentais para a compreensão da dinâmica de socialização da criança. Neste contexto, a partir de um referencial etológico, temos investigado a influência que os diversos tipos de arranjos contemporâneos de atendimento às crianças (creches, pré-escolas, orfanatos) têm exercido sobre o desenvolvimento social delas, particularmente sobre as suas interações pró-sociais. A emergência de comportamentos pró-sociais por volta do primeiro ano de vida tem sido verificada através de diversos estudos, inclusive transculturais, indicando que este tipo de comportamento possivelmente está relacionado não somente com o processo de desenvolvimento do indivíduo (ontogênese) mas também com a história da sua espécie (filogênese). Considerando as relações entre ambiente e organismo, os resultados obtidos com os nossos estudos têm indicado que diversos fatores como tipo de grupo de companheiros, o "lay-out" do ambiente, o contexto sócio-afetivo, o tipo de orientação dada pelas educadoras, entre outros, influenciam diretamente os comportamentos pró-sociais entre as crianças. Verificou-se, por exemplo, nas diversas instituições investigadas, que o reduzido tempo para recreação livre associado a um nível elevado de atividades estruturadas constituiu-se num elemento limitador para as interações pró-sociais entre as crianças. Estes resultados corroboram aqueles descritos na literatura, indicando que essa forte influência do "design" ambiental evidencia que o comportamento pró-social é, em parte, situacionalmente dependente. A partir destes indicadores é possível estabelecer novas diretrizes para que estes arranjos contemporâneos de atendimentos propiciem condições satisfatórias para as crianças desenvolverem e exercitarem adequadamente suas habilidades sociais. Além disto é importante que se avalie, numa perspectiva longitudinal, o impacto destes arranjos para o exercício da competência social na idade adulta.